

# Índice

<b>Introdução</b>	7
<b>O início de tudo</b>	11
<b>O Portugal das aparições</b>	16
Em Aljustrel	20
Na casa de Lúcia	22
<b>1917</b>	27
Julho	31
Agosto	39
Setembro	53
Chega o Dr. Formigão	61
Outubro	65
Novembro e dezembro	94
<b>A construção de Fátima: entra o bispo, saem os pastorinhos</b>	101
1920	110
<b>Criando um centro de peregrinação</b>	119
1921	123
1922	128
1923-1930	138
<b>As outras aparições</b>	161
<b>Lúcia e a nova Fátima</b>	176
<b>As críticas</b>	196
<b>Cem anos depois</b>	205
<b>Bibliografia</b>	211
<b>Notas</b>	217

## Introdução

Lembro-me de Fátima desde muito cedo. Era uma coisa presente, mas ao mesmo tempo distante, que entrava pela casa dentro, através do écran do televisor, a cada 13 de maio. A televisão ficava ligada enquanto se ia tratando dos afazeres do dia – limpar isto e aquilo, tratar do almoço. Chegava da escola e lá estava aquela imensidão de gente, a despedir-se de uma figura num andor, com lenços brancos a agitarem-se no ar e a minha mãe, amiúde, a enxugar os olhos perante aquele espetáculo emocionante.

Durante toda a minha infância e adolescência, Fátima foi isto. Uma ideia vaga de emoção, num local algures no centro do país, onde se dizia que três pastorinhos tinham visto Nossa Senhora. Nunca quis saber mais, nunca tive vontade de ir conhecer o local, perceber se aquelas lágrimas podiam ser minhas.

Entretanto, fui a Fátima duas vezes, sempre em trabalho, a 13 de maio, uma das quais, no ano 2000, aquando da visita de João Paulo II e da beatificação de Jacinta e Francisco. Não tive qualquer epifania. Não compreendia (nunca compreendera) aquele arrastar pelo chão, aquele percurso doloroso feito de joelhos. Dava por mim a perguntar a que Deus rezavam aquelas pessoas, para pensarem que ele só olhava para elas perante a promessa de sacrifícios.

Mas ir a Fátima permitiu-me perceber todos aqueles que regressavam de lá a dizer que se sentiam melhor, que havia uma emoção no ar. Ela era bem palpável, quando centenas de

milhares de pessoas, em uníssono, se despediam da Imagem, na procissão do adeus ou no silêncio que tombava sobre a esplanada durante as cerimónias religiosas; nos grupos que cantavam para enfrentar a noite ao relento ou nas lágrimas que embargavam as vozes na procissão das velas. Aquelas pessoas acreditavam e isso era suficiente para que a emoção fosse algo em que quase se podia tocar.

Não voltei a Fátima nem procurei saber mais sobre ela, até ter surgido a oportunidade de escrever sobre a sua história. Surpreendentemente, até para mim mesma, não hesitei um segundo antes de aceitar. Nunca me ocorrera passar meses mergulhada entre papelada sobre este tema, mas o entusiasmo foi crescendo a partir do primeiro contacto com os jornais da época e com os documentos originais compilados na *Documentação Crítica de Fátima*. Finalmente, aquele lugar remoto feito de lenços brancos e lágrimas que eu via na televisão começou a fazer sentido. A desvendar-se, aos poucos, a permitir que eu percebesse como nascera, como crescera e como chegamos ao que é hoje.

Poder contar o que está gravado nos documentos escritos pelos protagonistas de Fátima (pelo menos os que já são conhecidos, porque alguns haverá, ainda, por revelar) foi um trabalho entusiasmante e, espero, com um resultado clarificador para quem quiser perceber um pouco mais sobre este fenómeno. A história de Fátima, tal como eu a fiquei a conhecer, é o que irão encontrar nestas páginas, livres do carácter tantas vezes apologético dado às “aparições” por figuras da Igreja ou do ataque e acusações gratuitas que marcaram os primeiros trabalhos jornalísticos da imprensa republicana, quando Fátima se começou a impor.

A informação que aqui vão encontrar é, julgo, suficientemente rica e clara para que cada um possa tirar as suas próprias conclusões sobre Fátima. E, para evitar que a mensagem tardia de Fátima, assente exclusivamente nas palavras da Irmã Lúcia, tomasse conta de tudo, optei por imprimir ao texto uma ordem cronológica, que tornará muito mais fácil perceber o quanto

tudo mudou, desde os primeiros interrogatórios do padre de Fátima, em 1917, até ao que hoje se associa à mensagem da Cova da Iria.

O que aqui vai escrito não teria sido possível sem o apoio inestimável de várias pessoas, com destaque para Manuel Carvalho, Amílcar Correia, Luís Miguel Queirós, José Francisco Morgado e António Rodrigues. Os meus agradecimentos vão para eles e também para o pessoal da Biblioteca Pública Municipal do Porto e do Arquivo e Biblioteca do Santuário de Fátima, em particular ao Dr. André Melícias, que atenderam com a maior gentileza a todos os meus pedidos.

Pelo tempo roubado à família e aos amigos, que sempre compreenderam as minhas ausências, o meu muito-obrigado também.

E, claro, um agradecimento final à Editora, sem a qual não teria embarcado nesta aventura que me ajudou a conhecer muito melhor o país em que vivemos.

## O início de tudo

Uma mulher e uma criança deixam a sua casa, na aldeia de Aljustrel, e tomam pelo caminho de dois quilómetros que as levará a Fátima. O pároco da freguesia mandou-as chamar<sup>1</sup>. A mais velha, Maria Rosa, 48 anos, vai preocupada com aquela chamada. Sabe que o padre Manuel Marques Ferreira quer falar com a filha que agora a acompanha, Lúcia, de apenas dez anos, por causa do que corre na aldeia há cerca de 15 dias, e que entretanto se começou a espalhar pelos lugares em volta. A rapariga, rosto fechado, nada bonito, e os dois primos, Francisco, de nove anos, e Jacinta, de sete, irmãos que vivem a poucos metros da casa de Maria Rosa, garantem que viram alguma coisa estranha, quando andavam a tratar das ovelhas, no terreno inóspito da Cova da Iria, no passado dia 13 de maio. Que era uma senhora, uma “mulherzinha”, que lhes apareceu sobre uma azinheira. A mais pequena chama-lhe “Nossa Senhora”. Disse à mãe, Olímpia de Jesus, que lhe aparecera Nossa Senhora, e foi assim que a história se começou a espalhar.

Maria Rosa está preocupada. Não acredita naquilo, teme as consequências para as crianças e para o resto da família. Percorre o caminho até casa do pároco, uma moradia com alpendre de pedra, junto à igreja paroquial, na expectativa de que ele será capaz de colocar juízo na cabeça da sua filha mais nova, obrigando-a a fazer o que, até ali, ela ainda não conseguiu – admitir que tudo não passa de uma invenção de crianças.